

1104
No 3 A.
~~1104~~
ARCHIVO THEATRAL.

MR. E M^{ME}. PIPELET

DOS

MYSTERIOS DE PAREZ

COMEDIA EM 1 ACTO.



Rio de Janeiro.

À VENDA EM CASA DE
A. J. FERREIRA DA SILVA, RUA DA QUITANDA N. 496.

1858



92733 PA

1950

TRIP
11 6 3

PERSONAGENS.

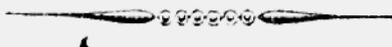
PIPELET.
ANASTACIA PIPELET.
CARRION.
FRANCISCO GERMANO.
RIZOLETA.

CRIADO da casa da rua do
Templo.
BERMONT, dono do estabe-
lecimento.
Duas DAMAS mascaradas.

MR. E M^{ME}. PIPELET

DOS

MYSTERIOS DE PARIZ



O paleo da casa da rua do Templo. Á direita do actor, o portão com uma campainha. Á esquerda, a casa de Pipelet, com porta e janella para a scena. No fundo, uma escada dando para o sobrado que supõe-se em cima. Fora da casa, na scena, uma tripeça e mesa de sapateiro com ferramenta propria, formas, botas, etc.

Ao levantar o panno, Pipelet está deitado sobre um banco fora de sua casa: dorme. Ouve-se tocar a campainha; elle assusta-se, acorda, e cahê do Banco.

SCENA I.

PIPELET.

Quem me chama?... quem é?... querem já levar-me para a cadeia?... (*Cabe e acorda.*) Ah! quanto é rigorosa a minha sorte!... Eu sonhava... que deitava uma tomba na minha bota... quando de repente... me apparece... eu tremo!... Cabrion... Cabrion... que com ar severo me apresentava essa fatal letra que assignei... que me fez assignar aquelle homem sem coração... o mercador de couros a quem devo uma tão consideravel quantia! cinquenta francos!... cinquenta francos!... é uma divida capaz de fazer baquear o Banco de França!... Ora, é verdade que eu já tenho parte do dinheiro... tenho feito mi-

nhas economias, e consegui juntar alguma cousa; porém ainda me faltão quarenta e nove francos!... E é hoje que ella se vence; portanto devo pagar, ou ir para a cadeia.. Pois bem! irei preso, e lá... remontarei botas para os presos, botarei tombas, se é que em Clichy se anda calçado... Preso! eu preso por divida, depois de sessenta annos passados entre o cerol e as sedas... e ainda dizem: Viva a liberdade! Viva a França! entretanto que um filho da França, um cidadão, morre á mingoa!... (*Pega na bota, senta-se, olha para ella, e procura ferramenta.*) Vejamos se acabo este concerto... ha oito dias que o principiei, e ainda estou em meio... sou interrompido, ora pelos moradores que entrão e sahem, ora por esse maldito... esse máu genio que me persegue!... Nem eu quero lembrar-me de seu nome... Nem me atrevo a olhar para parte alguma, temendo encontrar a sua cara hedionda e disforme, os seus ollhos de satyro, e o seu ar zombeteiro... Mas onde iria minha mulher hontem?... Nunca sahiu de casa, nunca ficou fóra uma só noite... esta é a primeira vez... isto não é bonito... hei de reprehendê-la... porque emfim... (*Tocão a campainha.*) Ah! é ella... é mesmo um anginho na delicadeza... vamos abrir... (*Levanta-se, tocão de novo.*) Lá vou, lá vou!... Conheço o bater das suas azas!... (*Abre, entra Rizoleta de dominó, e assustada.*)

SCENA II.

O MESMO E RIZOLETA.

RIZOLETA.

Meu Deos!... meu Deos!... Que me quereria aquelle mascara?...

PIPELET.

Ah! é a Sra. Rizoleta?... vem do baile? Mas, meu Deos! o que tem, que tão assustada está?

RIZOLETA.

Por Deos, Sr. Pipelet, feche a porta; ao sahir da opera um mascara quiz tomar-me o braço... eu não o conheço... não vi seu rosto... apenas posso dizer que estava vestido de arlequin.

PIPELET.

E' algum taful que gosta de acompanhar as moças bonitas.

RIZOLETA.

Diga-me, já veio o Sr. Germano?

PIPELET.

Não.

RIZOLETA.

(Vai subir e volta.) Não lhe diga que eu fui á opera; nem mesmo a sua mulher communique este segredo.

PIPELET.

Descanse, que desde já tenho um freio na boca. *(Rizoleta sobe pelo fundo.)* Que queria ella dizer?... Que eu não diga a minha mulher?... Ah! é porque a minha esposinha tem a lingua um pouco comprida! Pois bem! nada lhe direi. *(Tocão a campainha.)* Quem será?... E's tu, querida esposa! encantos da minha alma! *(Vai abrir e entra Cabrion vestido de arlequin, vem dando saltos.)* E' o tal arlequin da opera! *(Cabrion comprimenta-o.)*

PIPELET.

E' bem creado o tal sujeito! Sou um seu venerador... O que deseja? *(Cabrion diz-lhe que dançou muito, e quer descansar.)*

PIPELET.

Entendo... entendo... dançou toda a noite e quer sentar-se. *(Dá-lhe uma cadeira, e, passando por diante de Cabrion, este dá-lhe com a espada de pau que traz debaixo do braço. Pipelet volta-se, Cabrion trepa sobre a cadeira.)* O senhor, quem quer que é! olhe que eu não gosto de gra-

ças ; sou um velho, e portanto..... (*Cabrion diz-lhe que quer beber agua.*)

PIPELET.

Ah ! quer beber agua ? vou dar-lh'a..... (*Volta-se ; Cabrion tira a mascara e puxa-lhe a casaca. Pipelet dando com o rosto de Cabrion.*)

PIPELET.

Ah !... ah !... Ca... Ca... bri... on... (*Cabrion faz-lhe muitas grimáceas, elle cahe. e Cabrion sahe.*)

PIPELET.

(*Rolando no chão.*) Mal... mal... dito !... Sahe-te... deixa-me. (*Levanta a cabeça.*) Foi-se !... Os diabos te levem !... Este homem é o meu máu genio ! Por toda a parte me persegue... Estou tremendo... vou tomar um grogue... (*Tocão a campainha.*) Será elle outra vez ?... Pois atiro-lhe com o copo de grogue á cara. (*Abre a porta, Anastacia vem entrando, elle despeja-lhe o copo.*)

SCENA III.

O MESMO E ANASTACIA.

ANASTACIA.

Ai !... O que fazes, meu queridinho ?... Molhaste-me... Estou toda constipada !...

PIPELET.

(*De joelhos.*) Minha rica esposinha, perdoa-me !... E' aquelle maldito de Cabrion que ousou vir aqui..... esse monstro !...

ANASTACIA.

Aquelle excommungado ?... Não estar eu cá !... Ah !...

PIPELET.

Vestido de arlequim... pediu-me para descansar.... dei-lhe a cadeira, pediu-me agua ; ia buscar-lh'a, puxa-

me pela aba da casaca, volto-me, vejo a sua hedionda cara assim como estou vendo a tua... Ousarei dizer-te... que horror!... O monstro approximou seus lábios asquerosos da minha fronte veneranda.

ANASTACIA.

Oh! abominação!... Não tenhas medo, meu Alfredozinho; se elle voltar, eu hei de correl-o a vassouradas... Coitado do meu queridinho... tuas faces rubicundas estão alagadas de um suor gelado!... Ora pois! já passou, não é verdade?...

PIPELET.

(*Rindo-se.*) Ora, se a minha joiazinha me faz tantas meiguices...

ANASTACIA.

Está bem! Não penses mais no monstro. (*Rizoleta vem descendo a escada.*)

PIPELET.

Ah!... (*Volta-se horrorizado.*)

ANASTACIA.

Não é ninguém! É a Sra. Rizoleta.

PIPELET.

Cuidei que era elle!

RIZOLETA.

(*A parte.*) Eu não sou ninguém! Sempre é porteira. mulher sem educação.

ANASTACIA.

Bom dia, Sra. Rizoleta.

RIZOLETA.

Bom dia, Sra. Pipelet.

PIPELET.

Minha vizinha sabe hoje tão cedo?

RIZOLETA.

Vou levar estas costuras á loja: aqui tem a minha chave, queira guardal-a. (*A Anastacia.*)

MR. E MME. PIPELET.

ANASTACIA.

A Sra. Rizoleta divertiu-se muito no baile esta noite?

RIZOLETA.

Eu não fui lá.

ANASTACIA.

E quem seria um dominó còr de rosa que ao sahir da opera viu-se cercado por um arlequim?

RIZOLETA.

Não sei.

ANASTACIA.

Ah! não sabe?... Pois eu conheci nesse dominó a minha locataria do n. 11.

RIZOLETA.

Já lhe disse que não era eu; mas, quando assim fosse, não tenho que dar contas a ninguem das minhas acções. *(Sabe.)*

ANASTACIA.

Sim! A menina respinga? pois eu a ensinarei. Vou contar tudo ao Sr. Germano.

PIPELET.

Para que? Que te importa a vida alheia!

ANASTACIA.

Meu Alfredo, não te importes com o que eu faço; vai deitar as tuas tombas e tacões.

PIPELET.

Justamente hoje é o dia do vencimento da maldita letra.

SCENA IV.

Os MESMOS E GERMANO.

GERMANO.

Bom dia Sra. Pipelet... Sr. Pipelet...

ANASTACIA.

Ah! é a perola dos escreventes... Como passou, Sr. Germano?

GERMANO.

Bem!

ANASTACIA.

Onde vai com tanta pressa?

GERMANO.

Tirar umas contas de cujas cobranças o Sr. Ferrand acaba de encarregar-me. (*Quer sair.*)

ANASTACIA.

Escute, Sr. Germano... Diga-me, o Sr. esteve esta noite na opera?

GERMANO.

E' verdade.

ANASTACIA.

E a Sra. Rizoleta?

GERMANO.

Creio que não.

ANASTACIA.

Pois ella não foi?

PIPELET.

(*A' parte.*) Cala-te, mulher. (*Puxa-lhe o vestido*)

GERMANO.

Ella diz que não gosta dos bailes.

ANASTACIA.

Ah! ella não gosta? Então o senhor não sabe quem era um dominó cõr de rosa que lá estava?

GERMANO.

Juro-lhe que não.

ANASTACIA.

E que tinha um nariz... Oh! que nariz...

GERMANO.

Não a comprehendo.

ANASTACIA

Então espere... (*Vai ao quarto.*)

GERMANO.

Que mysterio é esto... o que quererá ella dizer?...

ANASTACIA.

(De volta.) Aqui tem a chave do quarto da Sra. Rizoleta; vá ver se lá está o dominó cor de rosa.

GERMANO.

Será possível!... Dê-me, dê-me a chave, Sra. Pipelet.

ANASTACIA.

Vá, senhor incredulo, e desengane-se por seus proprios olhos. (*Germano sobe.*)

SCENA V.

ANASTACIA E PIPELET.

ANASTACIA.

Ha de pagar-m'o... (*Entra em casa.*)

PIPELET.

Esta minha mulher é o diabo!... Não quer que as moças tenham apaixonados; já não se lembra do seu tempo. Porém não é disso que devo tratar, vou deitar as minhas tombas... (*Senta-se e trabalha. Cabrion entra outra vez de arlequim e encapella o chapéo de Pipelet; toca-lhe uma bossina nos ouvidos. Pipelet, que o reconhece, cahe no chão gritando. Elle foge, deixando-lhe a bossina ao pescoço.*)

PIPELET.

Ah!... O' da guarda!... Socorro!... Ah!... Ah!... Ah!...

ANASTACIA.

(Entrando.) O que tens, meu queridinho? Coitado!...

está cahido em terra !... O que é isso ?... O que te aconteceu ?...

PIPELET.

Ca... Ca... brion !...

ANASTACIA.

Ajuda !... Ah ! que se o pilho !...

BERMONT.

(*Apparecendo pelo fundo com um criado.*) O que tendes, Sr. Pipelet !..

PIPELET.

E' o maldito...

ANASTACIA.

Cabrion, que não deixa o pobre Alfredo socegar um só momento.

BERMONT.

O que dizeis ?... E o som da bosina que chegou a meus ouvidos ?... não tendes vós ao pescoço o instrumento accusador ?...

ANASTACIA.

Que horror ! uma bosina ao pescoço de meu marido !!!

PIPELET.

(*Todo tremulo.*) Hi... hi... hi... (*Quer fallar e não pôde.*)

ANASTACIA.

O que tens ?... falla... (*Pipelet faz muitos signaes para que lhe tirem a bosina.*)

BERMONT.

(*A' parte.*) Este homem acaba por perder o juizo !

ANASTACIA.

O meu Alfredozinho ficou mudo !!! que desgraça, meu Deos ! Está embrutecido !... Eu vou tirar esta maldita bosina ! (*Tira-lhe.*)

PIPELET.

Ah !... (*Gemido surdo.*)

ANASTACIA.

Já estás bom ?

PIPELET.

(*Fazendo grande esforço.*) Sim, porque não sinto mais pesar-me ao pescoço o instrumento do excommungado Cabrion.

BERMONT.

Ora pois, Sr. Pipelet, tende juizo e comportai-vos como homem de bem ! (*Vai-se.*)

SCENA VI.

PIPELET E ANASTACIA; logo depois GERMANO.

PIPELET.

Aquelle homem é a minha má sina !... Sinto que hei de morrer a seus pés !...

ANASTACIA.

Meu Deus !... Eu vou procurar outra casa onde possamos servir, afim de ficarmos livres daquelle maldito... Eu não me demoro muito... Ah ! ali vem o Sr. Germano... Então ?

GERMANO.

Lá está o dominó ! Rizoleta occultar-me que ia ao baile !... sem duvida desconfiou que eu lá estaria, e quiz espreitar-me !...

ANASTACIA.

Agora saiba mais que ella anda apaixonada por aquelle caixeiro de cobranças, o Sr. Rodolpho.

GERMANO.

Ah !...

PIPELET.

(*A' parte.*) Que má lingua tem minha mulher !...

ANASTACIA.

(*Tomando uma pitada.*) Eu digo-lhe isto, porque o se-

nhor é um moço honrado, e não consentirei que o engane uma namorada. (*Toma outra pitada.*)

PIPELET.

(*A' parte.*) Minha mulher que toma a sua pitada, é porque está contente!... Eu vou cuidar no almoço... (*Vai-se.*)

ANASTACIA.

Sr. Germano! Tome o meu conselho, não se fie na Sra. Rizoleta. (*Sahe.*)

SCENA VII.

GERMANO, só.

E' possível que a Sra. Rizoleta me engane!... Ah! meu Deus! ella a quem eu tanto amava! Está decidido! não a tornarei mais a ver. (*Sahe pela direita.*)

SCENA VIII.

PIPELET, só, pela esquerda.

Forão-se!... ora pois! minha mulher encontrará uma casa para onde eu vá estabelecer-me com minha cadeira... Cabrion não saberá de mim, e não soffrerei mais as suas perseguições. (*Tocão a campainha.*) Tocão... hoje não me deixão.

SCENA IX.

PIPELET e duas mulheres mascaradas.

PIPELET.

Entre. (*Entrão as duas fazendo muitas cortezias; trazem ramos.*) Ah! estou abysmado!... duas moças... o que querem?... em que as posso servir? ah! ah! ah!... sentem-se... sentem-se... (*Dá-lhe cadeiras. Cabrion, primeira*

mulher, faz muitos accionados que o ama, que está cansada, e offerece-lhe as flores.)

PIPELET.

Flores... a mim!... duas moças que devem ser bem bonitas talvez... offerecem-me flores!... *(As duas querem abraçal-o.)*

PIPELET.

Abrenuntio!... cheguem-se para lá, senhoras... estão enganadas... eu não sou quem Vms. procurão... sou um velho, e casado. *(As duas abraçã-o e beijã-o-o.)*

PIPELET.

Horror! ah... não me apertem... ah! que beijos... escaldão-me a fronte! Porém, senhoras, eu sou casado!... ora, aqui estou eu mettido entre duas... não tardão ellas brigarem para ver qual me ha de possuir... *(As duas instão para que elle aceite as flores.)*

PIPELET.

Accito... accito... Na verdade isto é extraordinario!... Que prosperidade a da França!... As moças apaixonadas pelos velhos! *(De joelhos.)* Accito, minhas bellas, accito os vossos ramos, e colloco-os aqui sobre o meu coração... que já principia a soffrer as chammas de amor...

SCENA X.

OS MESMOS E ANASTACIA *que espreitando sahe com a rasoura, e os dous sentindo-a correm.*

ANASTACIA.

Não ha maior pouca vergonha!... espera... Forão-se!... E tu, velho mofino... de joelhos aos pés de duas mascaras... o que fazias?... ainda continúas a estar de joelhos... estás interdito.

PIPELET.

Er... mulherzinha...

ANASTACIA.

Pretendes negar que são tuas amantes?... não estão aqui os ramos que ellas te derão!... ha muito que eu desconfio... E' por isso que Cabrion não te deixa!... *(Arremessa as flores.)* Não te levantas?... a quem se ha de contar isto?... um velho trazendo suas amantes á habitação conjugal!... Este carcassa! hei de conta-lo a todos os gaiatos de Pariz para te apuparem!... irra! que assim deves ficar para toda a vida!... *(Dá-lhe um murro, elle cacha com as mãos no chão.)*

PIPELET.

Minha mulherzinha, perdoa-me!... Tu não sabes... eu sou innocente!

ANASTACIA.

Innocente!... vejão que tal é a innocencia deste jacaré... Aqui estão as provas do teu crime... vou leva-las ao juiz... a propôr-te uma acção de desquite!

PIPELET.

Ah!...

ANASTACIA.

Sim! não me junto mais contigo!... vou desquitar-me! *(Saca levando as flores.)*

SCENA XI.

PIPELET, só.

Separado de minha mulher!... Agora o que resta é ir-me embora!... Vou buscar o meu chapeo... *(Entra, e cacha.)* Ah! encheu-se a tigella dos meus infortunios!... vou por essas terras estrangeiras deitar tombas e taçoes! E ainda dizem—Viva a França! Viva a republica!...—Irrisção!... Irrisção!... *(Altra com o chapéo no chão, depois arrempendendo-se vai buscá-lo e limpa-o.)* Vamos!... *(Vai sahindo.)*

e volta.) Vamos primeiro fazer a barba... não hei de sahir assim tão indecente! (Vai buscar o espelho que pendura junto da janella, e põe-se a fazer a barba. Cabrion entra e colloca-se atraz do banco. Pipelet desce a scena afiando a navalha.)

PIPELET.

Desgraça! desgraça sobre todo o homem que se deixa apaixonar por uma mulher!... Muito ternas todas se nos mostram, e quando estão certas do nosso amor saltão-nos ao cachaço como a panthera sobre a ovelha. *(Vai fazer a barba, e não acha o espelho.)* Onde está o espelho? eu o tinha posto aqui!... ah!... cá está elle!... *(Continúa a fazer a barba. Cabrion vai de vagar, torto-the o rabicho da cabelleira, e vai pendurar na corda da campainha; tocão da parte de fóra, elle esconde-se atraz do banco.)* Quem será?... eu já não sou mais guarda-portão!... sou um sapa-teiro liberal... *(Tornão á tocar.)* Lá vou... por esta vez sem exemplo. *(Vai abrir, e acha o rabicho, apalpa a cabeça e grita.)* Ah! maldição!... que horror! que sacrilegio!... o meu rabicho!... o rabicho da minha cabelleira!... *(Gyra a scena, e cahe n'uma cadeira. Cabrion sahe, e entra Rizoleta e Germano.)*

SCENA XII.

PIPELET, GERMANO E RIZOLETA.

GERMANO.

O que tem, Sr. Pipelet?

PIPELET.

Ca... ca... brion!... o meu rabicho!...

RIZOLETA.

Pobre Sr. Pipelet!... Ah! vem a Sra. Anastacia juntar-se a Vm.: nós a encontrámos lavada em lagrimas!...

PIPELET.

Ella !... Anastacia !... (*Chora.*)

RIZOLETA.

A pobre mulher disse que sahiu de casa porque o linha encontrado com duas moças.

GERMANO.

E Cabrion contou-nos que elle se vestira de mulher para pregar-lhe uma peça; Sr. Pipelet, Cabrion é seu amigo.

PIPELET.

Meu amigo ! que abominação ! Mas Anastacia... onde está a minha esposa? (*Anastacia entra; após ella Cabrion.*)

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS, ANASTACIA E CABRION.

ANASTACIA.

Aqui, meu queridinho, a teus pés, para receber o teu castigo. (*Ambos chorão.*)

PIPELET.

Nos meus braços, encantos da minha alma, prazer da minha vida, cadeias do meu destino... em meus braços !

ANASTACIA.

Eu arrependi-me; não quero mais o desquite: quero viver contigo, sem ti eu não posso passar.

PIPELET.

Nem eu posso viver sem ti: mas agora me lembro do adagio que diz: após da bonança vem a tempestade. Tive a felicidade de tornar a encontrar a minha esposa; agora espero o official do Commercio que me venha prender por causa da letra de 50 francos. (*Cabrion aproxima-se e mostra a letra a Pipelet, fica de pé e allico.*)



PIPELET.

Ah! Ca-bri-on! Quereis levar-me p'ra a cadeia? Vamos.

GERMANO.

Não ireis preso, Sr. Pipelet: o Sr. Cabrion pagou vossa dívida. (*Cabrion entrega-lhe a letra.*)

PIPELET.

O' mancebo generoso! agora podeis abraçar-me, beijar-me, carregar-me ao collo! sou vosso amigo!

ANASTACIA.

Sr. Cabrion, visto que é amigo de meu marido, e já o beijou na testa: se quer, eu consinto que me beije aqui na face; e á ingleza. (*Cabrion agradece.*)

ANASTACIA.

Ah! não quer!!!!

PIPELET.

Acabou-se o rigor dos meus infortunios, e todos somos felizes.

RIZOLETA.

Tambem eu, Sra. Pipelet, caso-me com o Sr. Germano; Vm. enredou-me com elle, e eu dissuadi-a do intento de separar-se de seu marido. Viva a alegria!

TODOS.

Viva a alegria!

FIM.